

# A ALMA CATÓLICA DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL

*Augustus Nicodemus*

*Foi um dos preletores da 22ª conferência Fiel - Brasil.*

Os evangélicos no Brasil nunca conseguiram se livrar totalmente da influência do Catolicismo Romano. Por séculos, o Catolicismo formou a mentalidade brasileira, a sua maneira de ver o mundo (“cosmovisão”). O crescimento do número de evangélicos no Brasil é cada vez maior – segundo o IBGE, seremos 40 milhões neste ano de 2006 – mas há várias *evidências* de que boa parte dos evangélicos não tem conseguido se livrar da herança católica.

É um fato que a conversão verdadeira (arrepentimento e fé) implica uma mudança espiritual e moral, mas não significa necessariamente uma mudança na maneira como a pessoa vê o mundo. Alguém pode ter sido regenerado pelo Espírito e ainda continuar, por um tempo, a enxergar as coisas com os pressupostos antigos. É o caso dos crentes de Corin-

to, por exemplo. Alguns deles haviam sido impuros, idólatras, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes e roubadores. Todavia, haviam sido lavados, santificados e justificados “em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1 Co 6.9-11), sem que isso significasse que uma mudança completa de mentalidade houvesse ocorrido com eles. Na primeira carta que lhes escreve, Paulo revela duas áreas em que eles continuavam a agir como pagãos: na maneira grega dicotômica de ver o mundo dividido em matéria e espírito (que dificultava a aceitação entre eles das relações sexuais no casamento e a ressurreição física dos mortos – capítulos 7 e 15) e o culto à personalidade mantido para com os filósofos gregos (que logo os levou a formar partidos na igreja em torno

de Paulo, Pedro, Apolo e mesmo o próprio Cristo – capítulos 1 a 4). Eles eram cristãos, mas com a alma grega pagã.

Da mesma forma, creio que grande parte dos evangélicos no Brasil tem a alma católica. Antes de passar às argumentações, preciso esclarecer um ponto. Todas as tendências que eu identifico entre os evangélicos como sendo herança católica, no fundo, antes de serem católicas, são realmente tendências da nossa natureza humana decaída, corrompida e manchada pelo pecado, que se manifestam em todos os lugares, em todos os sistemas e não somente no Catolicismo. Como disse o reformado R. Hooykas, famoso historiador da ciência, “no fundo, somos todos romanos” (*Philosophia Liberta*, 1957). Todavia, alguns sistemas são mais vulneráveis a essas tendências e as absorveram mais que outros, como penso que é o caso com o Catolicismo no Brasil. E que tendências são essas?

**1) O gosto por bispos e apóstolos** – Na Igreja Católica, o sistema papal impõe a autoridade de um único homem sobre todo o povo. A distinção entre clérigos (padres, bispos, cardeais e o papa) e leigos (o povo comum) coloca os sacerdotes católicos em um nível acima das pessoas normais, como se fossem revestidos de uma autoridade, um carisma, uma espiritualidade inacessível, que provoca a admiração e o espanto da gente comum, infundindo respeito e veneração. Há um gosto na alma brasileira por bispos, catedrais, pompas, rituais. Só assim consigo entender a

aceitação generalizada por parte dos próprios evangélicos de bispos e apóstolos autoneomados, mesmo após Lutero ter rasgado a bula papal que o excomungava e queimá-la na fogueira. A doutrina reformada do sacerdócio universal dos crentes e a abolição da distinção entre clérigos e leigos ainda não permearam a cosmovisão dos evangélicos no Brasil, com poucas exceções.

**2) A idéia de que pastores são mediadores entre Deus e os homens**

– No Catolicismo, a Igreja é mediadora entre Deus e os homens e transmite a graça divina mediante os sacramentos, as indulgências, as orações. Os sacerdotes católicos são vistos como aqueles através de quem essa graça é concedida, pois são eles que, com as suas palavras, transformam, na Missa, o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo; que aplicam a água benta no batismo para remissão de pecados; que ouvem a confissão do povo e pronunciam o perdão de pecados. Essa mentalidade de mediação humana passou para os evangélicos, com poucas mudanças. Até nas igrejas chamadas históricas, os crentes brasileiros agem como se a oração do pastor fosse mais poderosa do que a deles e como se os pastores funcionassem como mediadores entre eles e os favores divinos. Esse ranço do Catolicismo vem sendo cada vez mais explorado por setores neopentecostais do evangelicalismo, a julgar por práticas já assimiladas como “a oração dos 318 homens de Deus”, “a prece poderosa do bispo tal”, “a oração da irmã fulana, que é profetisa”, etc.

### 3) *O misticismo supersticioso no apego a objetos sagrados*

– O Catolicismo no Brasil, por sua vez influenciado pelas religiões afro-brasileiras, semeou misticismo e superstição durante séculos na alma brasileira: milagres de santos, uso de relíquias, aparições de Cristo e de Maria, objetos unguídos e santificados, água benta, entre outros. Hoje, há um crescimento espantoso, entre setores evangélicos, do uso de copo d'água, rosa unguída, sal grosso, pulseiras abençoadas, pentes santos do kit de beleza da rainha

Ester, peças de roupa de entes queridos, oração no monte, no vale; óleos de oliveiras de Jerusalém, água do Jordão, sal do Vale do Sal, trombetas de Gideão (distribuídas em profusão), o cajado de Moisés... é infundável e sem limites a imaginação dos líderes e a credulidade do povo. Esse fenômeno só pode ser explicado, ao meu ver, por um gosto intrínseco pelo misticismo impresso na alma católica dos evangélicos.

### 4) *A separação entre sagrado e profano*

– No centro do pensamento católico existe a distinção entre natureza e graça, idealizada e defendida por Tomás de Aquino, um dos mais importantes teólogos da Igreja Católica. Na prática, isso significou a

aceitação de duas realidades coexistentes, antagônicas e freqüentemente irreconciliáveis: o sagrado, substanciado na Santa Igreja, e o profano, que é tudo o mais no mundo lá fora. Os brasileiros aprenderam durante séculos a não misturar as coisas: sagrado é aquilo que a gente vai fazer na Igreja: assistir Missa e se confessar. O profano – meu trabalho, meus estudos, as ciências – permanece in-

tocado pelos pressupostos cristãos, separado de forma estanque. É a mesma atitude dos evangélicos. Falta-nos uma mentalidade que integre a fé às demais á-

reas da vida, conforme a visão bíblica de que tudo é sagrado. Por exemplo, na área da educação, temos por séculos deixado que a mentalidade humanista secularizada, permeada de pressupostos anticristãos, eduque os nossos filhos, do ensino fundamental até o superior, com algumas exceções. Em outros países, os evangélicos têm tido mais sucesso em manter instituições de ensino que, além de serem tão competentes como as outras, oferecem uma visão de mundo, de ciência, de tecnologia e da história oriunda de pressupostos cristãos. Numa cultura permeada pela idéia de que o sagrado e o profano, a religião e o mundo, são dois reinos distintos e freqüentemente antagônicos, não há como uma visão

---

*Além de uma conversão dos ídolos e de Maria a Cristo, os brasileiros evangélicos precisam de conversão na mentalidade, na maneira de ver o mundo.*

---

integral surgir e prevalecer, a não ser por uma profunda reforma de mentalidade entre os evangélicos.

**5) Somente pecados sexuais são realmente graves** – A distinção entre pecados mortais e veniais feita pelo catolicismo romano vem permeando a ética brasileira há séculos. Segundo essa distinção, pecados considerados mortais privam a alma da graça salvadora e a condenam ao inferno, enquanto que os veniais, como o nome já indica, são mais leves e merecem somente castigos temporais. A nossa cultura se encarregou de preencher as listas dos mortais e dos veniais. Dessa forma, enquanto se pode aceitar a “mentirinha”, o jeitinho, o tirar vantagem, a maldicência, etc., o adultério se tornou imperdoável. Lula foi reeleito cercado de acusações de corrupção. Mas, se tivesse ocorrido uma denúncia de escândalo sexual, tenho dúvidas de que teria sido reeleito ou de que teria sido reeleito por uma margem tão grande. Nas igrejas evangélicas – onde se sabe pela Bíblia que todo pecado é odioso e que quem guarda toda a lei de Deus e quebra um só mandamento é culpado de todos – é raro que alguém seja disciplinado, corrigido, admoestado, destituído ou despojado por pecados como mentira, preguiça, orgulho, vaidade, maldicência, entre outros. As disciplinas eclesiais acontecem via de regra por pecados de natureza sexual, como adultério, prostituição, fornicação, adição à pornografia, homossexualismo, etc., embora até mesmo esses estão sendo cada vez mais aceitáveis aos olhos evangélicos. Mais

um resquício de catolicismo na alma dos evangélicos?

O que é mais surpreendente é que os evangélicos no Brasil estão entre os mais anticatólicos do mundo. Só para ilustrar (e sem entrar no mérito dessa polêmica), o Brasil é um dos países onde convertidos do catolicismo são rebatizados nas igrejas evangélicas. O anticatolicismo brasileiro, todavia, se concentrou apenas na questão das imagens e de Maria e em questões éticas como não fumar, não beber e não dançar. Não foi e não é profundo o suficiente para fazer uma crítica mais completa de outros pontos que, por anos, vêm moldando a mentalidade do brasileiro, como mencionei acima. Além de uma conversão dos ídolos e de Maria a Cristo, os brasileiros evangélicos precisam de conversão na mentalidade, na maneira de ver o mundo. Temos de trazer cativo a Cristo todo pensamento, e não somente os nossos pecados. Nossa cosmovisão precisa também de conversão (2 Co 10.4-5).

Quando vejo o retorno de grandes massas ditas evangélicas às práticas medievais católicas de usar no culto a Deus objetos ungidos e consagrados, procurando para si bispos e apóstolos, imersas em práticas supersticiosas, me pergunto se, ao final das contas, o neopentecostalismo brasileiro não é, na verdade, um filho da Igreja Católica medieval, uma forma de neocatolicismo tardio que surge e cresce em nosso país, onde até os evangélicos têm alma católica.

# PREGAÇÃO SUPERFICIAL

*John MacArthur*

*John MacArthur considera as conseqüências devastadoras de uma mensagem diluída.*

Estou comprometido com a pregação expositiva. Tenho a convicção inabalável de que a proclamação da Palavra de Deus sempre deve ser o âmago e o foco do ministério da igreja (2 Timóteo 4.2). E a pregação bíblica correta deve ser sistemática, expositiva, teológica e teocêntrica.

Esse tipo de pregação está em falta nestes dias. Há abundância de comunicadores talentosos no movimento evangélico moderno, porém os sermões de hoje tendem a ser curtos, superficiais e tópicos. Fortalecem o ego das pessoas e centralizam-se em assuntos completamente insípidos como relacionamentos, vida de sucesso, problemas emocionais e outros temas práticos, mas seculares.

Assim como os púlpitos de materiais leves e transparentes dos quais as mensagens são apresentadas, esse tipo de pregação não tem peso nem consistência; é barata e sintética, dei-

xando pouco mais do que uma impressão efêmera na mente dos ouvintes.

Há algum tempo realizei um seminário sobre pregação em nossa igreja. Ao preparar-me para as palestras, peguei um caderno de anotações, uma caneta e comecei a listar os efeitos negativos desse tipo superficial de pregação, tão predominante no evangelicalismo moderno.

Inicialmente, pensei que seria capaz de identificar pelo menos dez efeitos negativos, mas, no final, eu havia alistado sessenta e uma conseqüências devastadoras! Apresento aqui as mais importantes como um aviso contra a pregação superficial — tanto para os pastores, nos púlpitos, quanto para seus ouvintes, nos bancos das igrejas.

## USURPA A AUTORIDADE DE DEUS

Quem possui o direito de falar à

igreja? O pregador ou Deus? Sempre que a Palavra de Deus é substituída por *qualquer outra coisa*, a autoridade dEle é usurpada. Que atitude arrogante! Na verdade, substituir a Palavra de Deus pela sabedoria do homem é uma atitude insolente.

### **DESAFIA O SENHORIO DE CRISTO**

Quem é o cabeça da igreja? Cristo é realmente a autoridade dominante no ensino da igreja? Se isso é verdade, por que há tantas igrejas nas quais a Palavra dEle não está sendo proclamada com fidelidade?

Quando observamos o ministério contemporâneo, vemos programas e métodos que são fruto da invenção humana, resultado de pesquisa de opinião pública e avaliação da vizinhança da igreja, além de outros artifícios pragmáticos. Os especialistas em crescimento de igreja têm lutado para assumir o controle das atividades da igreja, tomando-o de seu verdadeiro Cabeça, o Senhor Jesus Cristo.

Quando Jesus Cristo é exaltado no meio de seu povo, seu poder é manifestado na igreja. Quando a igreja é controlada por comprometedores cuja única ambição é conformar-se à cultura, o evangelho é minimizado, o verdadeiro poder é perdido, uma energia artificial precisa ser fabricada, e a superficialidade toma o lugar da verdade.

### **OBSTRUI A OBRA DO ESPÍRITO SANTO**

Ele usa a Palavra de Deus para realizar a sua obra. Ele a usa como

instrumento de regeneração (1 Pe 1.23; Tg 1.18) e de santificação (Jo 17.17). Na verdade, a Palavra de Deus é a única ferramenta que o Espírito Santo usa (Ef 6.17). Então, quando os pregadores negligenciam a Palavra de Deus, debilitam a obra do Espírito Santo, produzindo conversões superficiais e crentes aleijados em sua vida espiritual — e, talvez, completamente falsos.

Conseqüentemente, o púlpito perde o seu poder. “A palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Qualquer outra coisa é impotente, oferecendo apenas uma ilusão de poder. A habilidade do homem em seduzir as pessoas não deve impressionar-nos mais do que a capacidade da Bíblia em transformar vidas.

### **DEMONSTRA FALTA DE SUBMISSÃO**

Nas abordagens modernas de “ministério”, a Palavra de Deus é deliberadamente subestimada; o opróbrio de Cristo (Hb 11.26), repudiado com sagacidade; a ofensa do evangelho, removida com cuidado; e a “adoração”, moldada com o propósito de se ajustar às preferências dos incrédulos. Isto não é nada mais do que uma recusa em se submeter ao mandamento bíblico para a igreja. A insolência dos pastores que seguem um caminho como esse é assustadora para mim.

### **SEPARA O PREGADOR DA GRAÇA DE SANTIFICAÇÃO**

O maior benefício pessoal que

recebo da pregação é a obra que o Espírito de Deus realiza em minha própria alma, quando estudo e me preparo para duas mensagens expositivas a cada Dia do Senhor. Semana após semana, o dever da exposição cuidadosa mantém o próprio coração focalizado e fixo nas Escrituras; e a Palavra de Deus me alimenta, enquanto me preparo para alimentar o rebanho.

Deste modo, eu mesmo sou abençoado e fortalecido espiritualmente por meio deste empreendimento. Ainda que não houvesse qualquer outra razão, eu jamais abandonaria a pregação bíblica. O inimigo de nossa alma persegue os pregadores, e a graça santificadora da Palavra de Deus é essencial à nossa proteção.

### **OBSCURECE A TRANSCENDÊNCIA DE NOSSA MENSAGEM**

Conseqüentemente, a pregação superficial enfraquece tanto a adoração congregacional como a adoração pessoal. O que hoje é recebido como pregação, em algumas igrejas, é tão superficial quanto as mensagens que os pregadores de gerações anteriores ministravam em cinco minutos às crianças. Isto não é exagero. Esse tipo de abordagem torna impossível a verdadeira adoração, porque a adoração é uma experiência transcendente que deveria nos elevar acima do que é mundano e simplista.

A verdadeira adoração é uma resposta do coração à *verdade* de Deus (Jo 4.23). O nosso povo não pode ter pensamentos sublimes a respeito de Deus, se não os fazemos mergulhar nas profundezas da auto-revela-

ção de Deus. Mas a pregação de hoje não é profunda nem transcendente. Não se aprofunda nem se eleva às alturas. Almeja apenas entreter.

### **IMPEDE O PREGADOR DE DESENVOLVER A MENTE DE CRISTO**

Os pastores devem viver em submissão a Cristo. Muitos pregadores modernos se mostram de tal modo determinados a compreender a cultura, que desenvolvem a mente da cultura, e não a mente de Cristo. Começam a pensar como o mundo, e não como o Salvador.

Sinceramente, as nuances da cultura mundana são irrelevantes para mim. Quero conhecer a mente de Cristo e usá-la para influenciar a cultura, não importando qual seja a cultura em que ministro. Se tenho de subir ao púlpito e ser representante de Jesus Cristo, quero conhecer o que *Ele* pensa — e declarar isso ao seu povo.

### **DEPRECIA A PRIORIDADE DO ESTUDO BÍBLICO PESSOAL**

O estudo bíblico pessoal é importante? Claro que sim! Mas, que exemplo o pregador oferece quando negligencia a Bíblia em sua própria pregação? Por que estudariam a Bíblia, se o próprio pregador não a estuda com seriedade, ao preparar seus sermões?

Alguns dos gurus do ministério “Sensível aos Interessados” nos aconselham a retirar do sermão todas as referências explícitas à Bíblia. Eles dizem: “Nunca peça à sua congregação que abra a Bíblia em uma

passagem específica, porque esse tipo de coisa deixa os *interessados* desconfortáveis”.

Algumas igrejas “sensíveis aos interessados” desencorajam veementemente seus membros a trazerem Bíblias à igreja, com receio de que a visão de tantas Bíblias intimide os *interessados*. Como se fosse perigoso dar ao povo a impressão de que a Bíblia é importante!

### **SILENCIA A VOZ DE DEUS**

Jeremias 8.9 diz: “Os sábios serão envergonhados, aterrorizados e presos; eis que rejeitaram a palavra do SENHOR; que sabedoria é essa que eles têm?”

Quando eu falo, quero ser o mensageiro de Deus. Não estou interessado em interpretar o que algum psicólogo, ou guru de negócios, ou professor universitário tem a dizer sobre qualquer assunto. O meu povo não precisa de minha opinião; precisa ouvir o que Deus tem a dizer. Se pregarmos como a Escritura nos ordena, não será difícil saber de quem é a mensagem que vem do púlpito.

### **PRODUZ INDIFERENÇA EM RELAÇÃO À GLÓRIA DE DEUS**

A pregação “sensível aos interessados” nutre pessoas centralizadas em seu próprio bem-estar. Quando você diz às pessoas que o principal ministério da igreja é consertar para elas o que estiver errado nesta vida — suprir suas necessidades e ajudá-las a enfrentar seus desapontamentos neste mundo — a mensagem que você está enviando é que os proble-

mas desta vida são mais importantes do que a glória de Deus e a majestade de Cristo. Novamente, isto corrompe a verdadeira adoração.

### **ROUBA ÀS PESSOAS A SUA ÚNICA FONTE DE AJUDA VERDADEIRA**

As pessoas que vivem sob um ministério de pregação superficial tornam-se dependentes da habilidade e criatividade do orador. Assim, elas se tornam espiritualmente inativas e vão à igreja apenas para serem entretidas. Não têm interesse pessoal na Bíblia, porque os sermões que ouvem não emergem das Escrituras. São impressionadas pela criatividade do pregador e manipuladas pela música; e isso se torna toda a sua perspectiva de espiritualidade.

### **ENGANA AS PESSOAS QUANTO AO QUE ELAS REALMENTE PRECISAM**

Em Jeremias 8.11, Deus condena os profetas que tratavam de modo superficial as feridas do povo. Este versículo se aplica poderosamente aos pregadores artificiais que ocupam muitos púlpitos evangélicos proeminentes, em nossos dias. Tais pregadores omitem as verdades mais severas sobre o pecado e o julgamento. Abrandam as partes ofensivas da mensagem de Cristo.

Enganam as pessoas sobre aquilo que elas realmente precisam, prometendo-lhes “satisfação” e bem-estar terreno, quando o que necessitam é de arrependimento, fé e uma visão exaltada de Cristo, bem como de um verdadeiro entendimento do esplendor da santidade de Deus.

Portanto, os pastores têm de pregar a Palavra, embora fazê-lo esteja fora de moda em nossos dias (2 Tm 4.2). Essa é a única maneira pela qual o ministério deles pode dar frutos. Além do mais, a pregação da Palavra assegura que os pastores serão frutíferos no ministério, porque a Palavra de Deus jamais volta vazia para Ele; ela sempre faz aquilo que Lhe

apraz e prospera naquilo para o que foi designada (Is 55.11).

(Adaptado de "Pregação Superficial: As Conseqüências Devastadoras de uma Mensagem Diluída". In: MACARTHUR, John. *Ouro de Tolo?* São José dos Campos: Fiel, 2006. p. 33-41.)

## DEUS É A DÁDIVA SUPREMA E PRESENTE EM TODAS AS OUTRAS DÁDIVAS

Jonathan Edwards expressou poderosamente a verdade de que Deus mesmo é a nossa suprema alegria, bem como a alegria verdadeira e duradoura em todas as outras alegrias.

Os redimidos têm todo o seu bem objetivo em Deus. O próprio Deus é o grande bem, e os crentes são trazidos, por meio da redenção, à posse e gozo deste grande bem. Ele é o sublime bem, a soma de todos os bens que Cristo comprou; Ele é o quinhão de nossa alma. Deus é a riqueza e o tesouro, a comida, a vida, a habitação, o ornamento, o diadema, a glória e a honra eterna dos redimidos. Eles não têm qualquer outro no céu, exceto Deus. Ele é o grande bem no qual os redimidos são recebidos quando morrem e para o qual ressuscitarão no final do mundo. O Senhor Deus, Ele é a luz da Jerusalém celestial; é o "rio da água da vida" que corre e a árvore da vida que cresce "no paraíso de Deus". As gloriosas excelências e beleza de Deus serão o que entreterão para sempre a mente dos santos, e o amor de Deus será a eterna alegria deles. Os redimidos desfrutarão realmente de outras coisas; desfrutarão dos anjos e de uns aos outros. Mas o que os redimidos desfrutarão nos anjos, ou uns nos outros, ou em qualquer outra coisa, que lhes trará deleite e felicidade, será o que contemplarão de Deus neles.

(Extraído de *Deus é o Evangelho*,  
John Piper, Editora Fiel, São José dos Campos, SP.)

# PREGANDO A CRISTO COM BASE NO ANTIGO TESTAMENTO

*Edgar Andrews*

*Foi um dos preletores na 1ª Conferência Fiel - Brasil*

*Paulo... foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio.*

Atos 17.2,3

Os pregadores raramente têm dificuldade em pregar assuntos do Antigo Testamento. Mas pregar a Cristo com base no Antigo Testamento pode ser uma questão diferente. Entretanto, foi exatamente isso que Paulo fez, quando chegou em Tessalônica, conforme nos mostram com clareza estes versículos de Atos dos Apóstolos.

De fato, o Antigo Testamento contém muitas passagens que são explicitamente “messiânicas”. Ou seja, tais passagens fazem uma referência inconfundível à vinda de Cris-

to. Isaías 53 é, talvez, o exemplo mais famoso. Contudo, há muitos outros exemplos. Ninguém achará problemas ao pregar sobre estas Escrituras do Antigo Testamento.

A dificuldade está em alcançar uma interpretação cristológica *geral e coerente* do Antigo Testamento — uma interpretação em que todas as Escrituras do Antigo Testamento são vistas como um testemunho de Cristo e são interpretadas de conformidade com isso.

Primeiro e fundamentalmente, *é mesmo necessário* acharmos tal in-

interpretação? Em segundo, se devemos encontrá-la, como podemos achar Cristo em todas as Escrituras?

### ICEBERGS OU ILHAS?

Uma analogia pode nos ajudar a tratar da primeira dessas perguntas. Considere um iceberg flutuando no oceano. É algo belíssimo, mas flutua livremente no oceano, não estando enraizado no seu ambiente cercado de água. O iceberg é incidental, está isolado e não tem importância duradoura.

Por contraste, uma ilha é uma manifestação visível da geografia oculta do oceano — talvez denunciando a existência de um vulcão extinto. Ela é uma parte integral do assoalho do oceano, embora a maior parte desse assoalho esteja coberta, a menos que exploremos as profundidade dos mares.

De modo semelhante, as passagens messiânicas podem ser “icebergs, lindas em si mesmas, mas incidentais, não estando vinculadas às Escrituras do Antigo Testamento — estranhezas desconexas que não refletem, de modo algum, a natureza intrínseca daquelas Escrituras.

Por outro lado, essas passagens podem ser “ilhas” — afloramentos visíveis de uma realidade profunda que dá sustentação às Escrituras do Antigo Testamento, de Gênesis a Malaquias. Creio que essa é a visão do Antigo Testamento revelada pelo Novo. Sem dúvida, a realidade oculta é Cristo.

Consideremos as evidências que existem para apoiar este argumento.

### A EVIDÊNCIA

Em primeiro lugar, as cartas do Novo Testamento contêm diversas declarações afirmando que o *propósito* das Escrituras do Antigo Testamento é instruir e edificar os crentes da Nova Aliança. Além disso, em cada caso, a afirmação tem uma influência no testemunho do Antigo Testamento sobre a pessoa de Cristo.

De fato, essas declarações dizem: “O Antigo Testamento foi escrito tendo em vista o nosso benefício; e esse benefício está em Cristo”.

Um exemplo é Romanos 15.1-4. Esta passagem começa com uma exortação moral simples: “Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos”.

Mas Paulo não pára aqui. Esse comportamento, insiste Paulo, resulta do exemplo de Cristo: “Porque também Cristo não se agradou a si mesmo; antes, como está escrito [Salmos 69.9]: As injúrias dos que te ultrajavam caíram sobre mim”.

Paulo continua: “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito *para o nosso ensino foi escrito*, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”. A palavra grega traduzida por “tudo quanto” é enfática.

Isto nos diz não somente que a citação obscura de Salmos 69.9 se refere a Cristo, mas também que *todas* as Escrituras do Antigo Testamento foram registradas especificamente para o nosso benefício. Este benefício, diz Paulo, nos alcança na forma de ensino, paciência, conso-

lação e, acima de tudo, esperança em Cristo (não existe qualquer outra esperança).

### PONDO O SENHOR À PROVA

Uma segunda afirmação encontramos em 1 Coríntios 10.9-12, onde Paulo adverte: “Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes... Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado”.

Assim como em Romanos 15, Paulo faz duas declarações e as une. Primeira, o propósito do Antigo Testamento — mesmo em suas partes históricas — é instruir e admoestar aqueles que vivem sob a nova aliança (“sobre quem os fins dos séculos têm chegado”).

Mas acrescentou: é a Cristo que não devemos por à prova. Isto significa que estas Escrituras nos admoestam não em assuntos gerais, mas em referência ao nosso relacionamento com Cristo. O próprio Senhor Jesus comparou “a serpente no deserto” à sua crucificação, em João 3.14.

Uma terceira afirmação pode ser encontrada em 1 Coríntios 9.9-10: “Porque na lei de Moisés está escri-

to: Não atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo. Acaso, é com bois que Deus se preocupa? Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança...”

### NÃO PARA SI MESMOS

Pedro concorda (1 Pedro 1.8-12). Ele escreveu: “Foi a respeito desta salvação [por meio de Cristo]

que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada... pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de an-

temão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam”.

“A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho”.

Isso dificilmente poderia ser mais claro. Os profetas do Antigo Testamento (uma expressão que inclui todos os outros escritores do Antigo Testamento) foram movidos pelo Espírito Santo, para testemunhar sobre os sofrimentos e a glória de Cristo. E, ao fazerem isso, não estavam ministrando primeiramente à sua pró-

---

■

*As cartas do Novo Testamento  
contêm diversas declarações  
afirmando que o propósito das  
Escrituras do Antigo  
Testamento é instruir e edificar  
os crentes da Nova Aliança.*

---

■

pria geração, e sim àqueles que ouviriam o evangelho do Novo Testamento, o evangelho da salvação por meio da graça.

## O ANTIGO TESTAMENTO DÁ TESTEMUNHO DE CRISTO

Chegamos agora a várias afirmações definidas concernentes ao testemunho do Antigo Testamento sobre a pessoa de Cristo.

A primeira se encontra em João 5.39, onde Jesus falou ao judeus: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim”.

Esta não é uma afirmação desconexa; antes, é parte de um argumento mais amplo. Pois Jesus continuou: “Se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; *porquanto ele escreveu a meu respeito*. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?” (Jo 5.46-47).

Observe a escolha das palavras. Cristo não disse apenas: “As Escrituras... testificam de mim”; isso implicaria que os escritores do Antigo Testamento fizeram essas declarações ocasionalmente. Pelo contrário, Jesus disse: “*São elas mesmas* que testificam de mim”, implicando que o propósito do Antigo Testamento é testificar a respeito dEle.

Além disso, Jesus declarou de modo indubitável que *os escritos* de Moisés (ou seja, todo o Pentateuco) dão testemunho de Cristo, e não fazem apenas referências ocasionais a Ele.

Isto é significativo porque, em nossos dias, existe uma tendência

geral de se pregar sobre assuntos como a criação, os patriarcas e a lei de Moisés, de um modo que ignora a Cristo. Mas, de acordo com Jesus, Moisés escreveu a respeito dEle *em todos* os primeiros cinco livros da Bíblia.

## EM TODA A ESCRITURA

Uma segunda passagem importante é Lucas 24.25-27, o episódio familiar da Estrada de Emaús. O Cristo ressuscitado repreende os seus discípulos abalados: “Ó néscios e tardos de coração para crer *tudo* o que os profetas disseram!... E, começando por Moisés, discorrendo por *todos* os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em *todas* as Escrituras”.

Observe o uso tríplice da palavra “todo”. Lucas estava interessado em que entendêssemos a natureza abrangente das afirmações de Jesus — ou seja, que todo o Antigo Testamento, e não apenas uma parte dele, é uma profecia a respeito de Cristo.

“Moisés” e “os Profetas” eram expressões que significavam todo o Antigo Testamento. E Jesus nos disse, em outra passagem, que viera para cumprir todo “i” e todo “til” das Escrituras (Mt 5.17-18). Se Cristo é o cumprimento das Escrituras, elas têm de apontar, necessariamente, para Ele.

## SÁBIO PARA A SALVAÇÃO

Nosso último texto comprobatório é 2 Timóteo 3.15-17: “Desde a infância, sabes as sagradas letras, que

podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”.

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.”

Freqüentemente, citamos estas palavras, quando falamos sobre a natureza e a utilidade da Escritura, afirmando que ela é “inspirada” (literalmente, soprada por Deus) e instrutiva. Mas esquecemos com facilidade a declaração que *levou* Paulo a descrever deste modo o Antigo Testamento.

Qual é essa declaração? Que as Escrituras do Antigo Testamento nos iluminam quanto à *salvação pela fé em Cristo!* Uma vez mais Paulo se refere de modo abrangente às Escrituras do Antigo Testamento, como

aquelas que revelam a Cristo em seu poder salvador.

É neste contexto cronológico que o apóstolo recomenda, posteriormente, o Antigo Testamento como um livro que é fonte de instrução e de orientação sobre boas obras.

## CONCLUSÃO

Assim, as Escrituras me compõem a crer que o Antigo Testamento, em sua totalidade, testemunha sobre a pessoa de Cristo e foi escrito especificamente para o benefício dos crentes do Novo Testamento — e de todo aquele que deseja ser “sábio para a salvação” nEle.

As passagens messiânicas, no Antigo Testamento, são ilhas, e não icebergs, que revelam a cristologia abrangente e essencial do Antigo Testamento.



## A EXCELÊNCIA DE CRISTO

- \* Admiramos a Cristo por sua glória, porém O admiramos muito mais por sua glória estar mesclada com humildade.
- \* Admiramos a Cristo por sua transcendência, mas O admiramos muito mais porque sua transcendência está acompanhada por condescendência.
- \* Admiramos a Cristo por sua justiça inflexível, contudo, O admiramos muito mais porque sua justiça é temperada com misericórdia.

(Extraído do livro *Deus é o Evangelho*, John Piper, Editora Fiel, São José dos Campos, SP)

# O MÉDICO MISSIONÁRIO

ROBERT REID KALLEY

(1809 - 1888)

*Gilson Santos*

## CHARLES E ROBERT<sup>1</sup>

Em 1809 nasceram dois meninos no Reino Unido: um, em Shrewsbury, na Inglaterra; e o outro, em Mount Florida, na Escócia. O primeiro se chamava Charles; e o segundo, Robert, e este era sete meses mais novo do que aquele. Charles era filho de uma família muito culta, e Robert, de uma família rica. Os dois rapazes talvez nunca tenham se encontrado. Ambos, porém, foram estudar medicina na Escócia no mesmo ano, em 1825, quando contavam com dezesseis anos de idade; Charles, na Universidade de Edimburgo, e Robert, na Universidade de Glasgow. Depois de formados, ambos fizeram longas viagens de navio no exercício de suas profissões. Charles, como naturalista, deu uma volta ao mundo, numa viagem que durou quase

cinco anos. Robert, como médico de bordo, foi duas vezes até Bombaim, na Índia, tendo a oportunidade de conhecer muitos portos, inclusive Funchal, na Ilha da Madeira. Tal como Robert faria mais tarde, Charles também esteve no Brasil, embora apenas em rápidas incursões.

Os dois ficaram impressionados com algumas cenas chocantes que viram durante suas viagens. Charles ficou chocado com a situação social dos nativos da Austrália e Nova Zelândia, transformados em escravos pelos próprios colonizadores europeus. E Robert, com as condições sociais da Índia, tendo sentido, em primeira mão, a grande necessidade de médicos no Oriente. Ambos se casaram em 1838, aos vinte e nove anos; Charles, com sua prima, Emma Wedgwood, e Robert, com Margareth Crawford.

Não obstante essas coincidências, os dois britânicos eram religiosamente diferentes. Depois de abandonar o curso de medicina (tinha pavor das cirurgias), Charles matriculou-se na Universidade de Cambridge para estudar a Bíblia e se tornar um clérigo (1828). Nesta ocasião, ele professava sua crença na verdade absoluta e literal das Escrituras Sagradas. Já Robert, conquanto a família desejasse muito que ele estudasse teologia e se tornasse um pastor, foi se desfazendo da bagagem religiosa recebida no lar. Tornando-se crescentemente incrédulo e agnóstico, passou a ter aversão às leis do Criador, o que o deixava mais em liberdade para satisfazer os desejos que lhe viessem ao coração, sem temer as conseqüências e penalidades.

Aconteceu, porém, que os dois moços experimentaram significativas mudanças religiosas na década de 1830, durante os seus vinte e poucos anos. Charles desistiu da carreira eclesiástica, formou-se em artes e tornou-se agnóstico. Robert renunciou a sua incredulidade e passou a ter profundo respeito por Deus. O que levou Charles a abandonar sua fé foram suas pesquisas científicas. O que levou Robert a abraçar a fé foi o estudo das Escrituras, contando com o decisivo testemunho e influência de uma paciente cristã, que enfrentou grandes sofrimentos com serenidade e fé.

A partir dessas diferentes experiências revolucionárias, Charles e Robert tornaram-se notáveis, cada um em sua área. O primeiro tornou-se cientista. O segundo tornou-se médico missionário. O trabalho de

Charles levou muita gente a desacreditar da autoridade das Sagradas Escrituras. O trabalho de Robert levou muita gente a amar a Bíblia e a praticá-la como sua norma de fé e conduta. No ano de 1839, quando ambos estavam com trinta anos, Charles publicou o seu primeiro livro/relatório de pesquisas em história natural e geologia (fruto de sua viagem ao redor do mundo), e Robert foi ordenado pastor presbiteriano em Londres.

Charles se dedicou à pesquisa e aos seus livros, quase todo o tempo. Era extremamente apegado à esposa e aos filhos. Depois de sua conversão, Robert estudou teologia e se tornou missionário médico na Ilha de Madeira (1838-46) e no Brasil (1855-76). Casado duas vezes, nunca teve filhos. Charles morreu em abril de 1882, com a idade de 73 anos. Robert morreu 6 anos depois, em janeiro de 1888, com 79 anos. O primeiro está sepultado na Abadia de Westminster, em Londres, e o segundo, num modesto cemitério em Edimburgo.

O nome completo do naturalista é *Charles Robert Darwin* (1809-1882). O nome completo do missionário médico é *Robert Reid Kalley* (1809-1888). O primeiro é mais conhecido por sua teoria da evolução, que causou uma revolução na ciência biológica, mediante a publicação de seu mais importante livro sobre a origem das espécies por meio da seleção natural. O segundo é mais conhecido por ser um missionário protestante pioneiro, de cujo trabalho originaram-se importantes denominações evangélicas de língua portugue-

sa, tais como a *Igreja Presbiteriana de Portugal*, a *Igreja Evangélica Congregacional do Brasil* e a *Igreja Cristã Evangélica do Brasil*. Segundo testemunhos de pessoas mais próximas, Charles Darwin nunca teria se livrado de certos conflitos íntimos, mesmo com a leitura da Bíblia e as orações de sua esposa, que era cristã.

## ROBERT KALLEY

Robert Reid Kalley nasceu em 8 de setembro de 1809, em Mount Florida, nos arredores de Glasgow, Escócia. Foi batizado aos oito dias de vida na tradicional e antiga Igreja Presbiteriana da Escócia. Era filho de Robert Kalley, abastado negociante e dedicado membro da igreja, que faleceu um ano mais tarde. Sua mãe era Jane Reid Kalley, que voltou a casar-se, morrendo, porém, em 1815, deixando o filho para ser criado pelo padrasto. Este também era membro da igreja e desejou que o jovem seguisse a carreira ministerial.

Em 1829, Kalley obteve o diploma de cirurgião e farmacêutico pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de Glasgow, tendo feito os seus estudos práticos no Hospital Real dessa cidade. Desde a juventude, havia sido um incrédulo e agnóstico, mas graças ao testemunho de uma paciente foi conduzido a estudar cuidadosamente as Escrituras Sagradas. Esses estudos o conduziram à conversão.

Logo após sua conversão, Kalley foi despertado para a obra missionária. Um fato marcante foi a morte de *Robert Morrison* (1782-1834),

missionário de origem escocesa e presbiteriano ligado à *Sociedade Missionária de Londres*, que foi o pioneiro protestante em Cantão, China. Kalley sentiu que a morte de Morrison representava um desafio e um chamado para ele. Inicialmente, portanto, Kalley pretendia evangelizar a China, mas, em consequência do grave estado de saúde de sua esposa, Margaret, resolveu ir para a Ilha da Madeira, na costa portuguesa. Chegaram a Funchal no dia 12 de outubro de 1838. Naquela cidade havia uma grande colônia de escoceses. No ano seguinte, Kalley foi ordenado ao ministério pastoral, no dia 8 de julho.

Nessa altura, o protestantismo permanecia proibido a todos os portugueses, mesmo após a abolição da Inquisição em Portugal, em 1821. Apenas aos estrangeiros era permitida a prática de outras religiões que não a Católica, desde que não fosse praticada em língua portuguesa e que não fosse praticada em edifícios que pudessem ser identificados externamente, como *igrejas*. Só após a *Revolução dos Cravos*, de 1974, é que se pôde falar de liberdade religiosa em Portugal, o que possibilitou oficialmente a criação de comunidades protestantes.

Em 1840, o Dr. Kalley fundou um hospital em Funchal. Logo se deu conta de que os madeirenses demonstravam uma surpreendente falta de conhecimento da doutrina cristã e iniciou o trabalho missionário. Foram fundadas 20 escolas, distribuídas Bíblias e começado um trabalho de missão que encontrou acolhimento. Robert Kalley fundou a primeira rede de escolas em Portu-

gal que ofereciam gratuitamente instrução primária a crianças e adultos. Cerca de dois mil madeirenses se interessaram por esta nova comunidade.

No início de 1843, a hostilidade latente do clero deu início a um movimento anti-herético. Kalley foi preso, acusado de apostasia, heresia e blasfêmia, crime considerado inafiançável, e permaneceu recluso por cinco meses. Em 1845, foi fundada ilegalmente (as igrejas protestantes permaneciam proibidas) em Funchal a primeira congregação protestante portuguesa, a *Igreja Presbiteriana Portuguesa*, que tem atualmente o nome de Igreja Evangélica Presbiteriana Central.

A nova igreja seria perseguida pelas autoridades madeirenses. Em agosto de 1846, a casa dos Kalleys foi invadida e destruída por homens que tinham ido eliminá-lo. Com a ajuda de vários portugueses da recém-formada comunidade protestante, o casal fugiu para os Estados Unidos. Kalley teve de se disfarçar para poder entrar no navio inglês que o salvou. Sua mulher e familiares obtiveram a proteção do consulado britânico. Sua casa, móveis, equipamento médico, biblioteca e manuscritos foram todos destruídos pelo incêndio, cuja fumaça ele pôde ver do navio. O hospital foi saqueado e muitas das escolas do interior queimadas, bem como todas as Bíblias e literaturas evangélicas encontradas. Dois mil portugueses foram expulsos da ilha da Madeira pelas autoridades portuguesas, sendo refugiados em Trindade e Tobago, nas Bermudas e nos Estados Unidos, onde os madeiren-

ses evangélicos estabeleceram-se nas cidades de Springfield e Jacksonville, no Estado de Illinois. Destas comunidades vieram alguns missionários para Portugal e também para o Brasil, tendo sido fundada em 1870 a Igreja Presbiteriana de Lisboa.

## KALLEY NO BRASIL

Depois de passar algum tempo na Escócia e na Inglaterra, Kalley trabalhou como médico missionário durante dois anos na Ilha de Malta e outros dois na Palestina (1850-1852), onde organizou uma pequena igreja. Sua primeira esposa veio a falecer no início de 1852. No final daquele ano, em 14 dezembro, ele contraiu núpcias com *Sarah Poulton Wilson* (1825-1907), mulher refinada e talentosa, a quem conheceu na Palestina.

Sarah nasceu em Nottingham, Inglaterra, sendo sobrinha de um rico industrial e filantropo, membro destacado do Parlamento Britânico e líder da igreja congregacional. A família também tinha ligações com os *Irmãos de Plymouth* por intermédio de outro tio de Sarah. Esta recebeu uma educação esmerada e cultivou muitos dotes artísticos, revelados mais tarde na poesia, na pintura e na música. Foi grande defensora do nascente movimento das Escolas Dominicais. O Dr. Alderi de Souza Matos, num excelente artigo, destaca que “esse casamento contribuiu para que Kalley eventualmente se afastasse de suas raízes presbiterianas e se voltasse para o congregacionalismo”.<sup>2</sup>

Logo após seu casamento com Dona Sarah, Kalley partiu para os Estados Unidos. Nos anos 1853-

1854 ficou ministrando aos refugiados madeirenses naquela nação. Enquanto residiu nos Estados Unidos, impressionou-se com o Brasil através do livro publicado em 1845, “*Reminiscências de viagens e Permanências nas Províncias do Sul e Norte do Brasil*”, de autoria do Rev. Daniel P. Kidder (1815-1891), que esteve no Brasil onde distribuiu Bíblias. Ao ler esta obra, Kalley ficou impressionado com a descrição da cidade do Rio de Janeiro e outros lugares.

Em 9 de abril de 1855, partiu com destino ao Brasil. Em 10 de maio de 1855, chegou ao Rio de Janeiro e subiu para morar em Petrópolis, na residência antes habitada pelo embaixador dos EUA, Mr. Webb. Numa tarde de domingo, a 19 de agosto de 1855, Kalley e sua esposa instalaram em sua residência a primeira classe de Escola Dominical, contando com cinco crianças, filhos de cidadãos americanos. Foi contada a história do profeta Jonas. Os Kalleys ficariam no Brasil por 21 anos, cuidando de enfermos e salvando almas.

Desde que chegou a Petrópolis, Kalley procurou relacionar-se com as autoridades civis, inclusive com o imperador D. Pedro II, do qual se tornou amigo. Como seu vizinho, este foi visitá-lo várias vezes para ouvir sobre as suas viagens através da Palestina. A influência crescente de Kalley junto a destacados brasileiros contribuiu para a ampliação da liberdade religiosa no Brasil.

O Rio de Janeiro de 1855 era uma cidade com cerca de 300 mil habitantes. A cidade contava com cerca de cinquenta igrejas e capelas espalhadas pela cidade. O Catolicis-

mo Romano era a religião oficial do Império Brasileiro.

As igrejas que resultaram do trabalho de Kalley na Ilha da Madeira (onde seus discípulos eram conhecidos como “calvinistas”), bem como aquelas fundadas por refugiados madeirenses no Caribe e nos Estados Unidos, eram todas presbiterianas. No Brasil, Kalley não organizou uma igreja nos moldes presbiterianos. Aos poucos, ele foi assumindo uma eclesiologia congregacional. Quando veio para o Brasil, suas convicções congregacionalistas já estavam bastante definidas: não batizava mais crianças, e organizava congregações locais autônomas.

Com o desenvolvimento do trabalho no Rio de Janeiro, Kalley escreveu para amigos e antigos companheiros de Illinois, convidando-os a virem auxiliá-lo no Brasil. O primeiro a chegar foi William D. Pitt (1828-1870), inglês que fora aluno de Dona Sarah em Torquay. Pouco depois vieram Francisco da Gama e sua mulher, D. Francisca, e Francisco de Souza Jardim e família. Kalley batizou o português José Pereira de Souza Louro em 8 de novembro de 1857. No dia 11 de julho de 1858, organizou a *Igreja Evangélica Fluminense*, com 14 membros, sendo batizado naquele dia o primeiro brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade. Esta é a primeira igreja “de missão” que conseguiu lançar raízes permanentes no país. Todas as outras igrejas existentes naquela época ou anteriormente eram constituídas de estrangeiros. Kalley é, deste modo, o pai do congregacionalismo brasileiro. O seu trabalho influenciou

outros missionários a dedicarem seus esforços aos brasileiros, e seu modelo de evangelização e culto exerceu uma influência profunda e duradoura na cultura evangélica brasileira.

Em fins de 1873, o missionário foi para Recife, onde fundou a Igreja Evangélica Pernambucana. Em 1875, foi eleito co-pastor da Igreja Fluminense o *Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos* (1842-1928), um membro da igreja que havia estudado, desde 1872, no *Pastor's College*, de *Charles H. Spurgeon* (1834-1892), em Londres, recomendado e auxiliado nisto pelo Dr. Kalley, que providenciara a sua ida para Londres. O *Rev. Gonçalves dos Santos*, que na estima do missionário *Salomão Luiz Ginsburg* (1867-1927) “era um bom homem, mas extremamente conservador”<sup>3</sup>, haveria de pastorear a igreja por quase quarenta anos.

Em 1876, Kalley preparou os 28 artigos que são até hoje a base doutrinária dos congregacionais brasileiros: *Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*. Acerca da doutrina do batismo, diz o artigo 25: “O Batismo com água foi ordenado por nosso Senhor Jesus Cristo como figura do Batismo verdadeiro e eficaz, feito pelo Salvador quando envia o Espírito Santo para regenerar o pecador. Pela recepção do Batismo com água, a pessoa declara que aceita os termos do pacto em que Deus assegura aos crentes as bênçãos da salvação”. Outra característica forte de Kalley era sua forte ênfase à santidade do domingo. Um exemplo do seu “sabatarianismo” pode ser visto quando, no Rio de Janeiro, proibiu os membros da

igreja de alugarem uma carruagem no domingo para irem a um funeral! Kalley também expôs publicamente seu ponto de vista contrário à escravidão africana no Brasil.

O professor Antônio Gouvêa de Mendonça conclui que Kalley era um legítimo representante do puritanismo escocês mesclado com o wesleyanismo metodista.<sup>4</sup> A *Breve Exposição* declara, em seu artigo 19, que a igreja de Cristo é composta “de todos os sinceros crentes no Redentor, os quais foram escolhidos por Deus, antes de haver mundo, para serem chamados e convertidos nesta vida e glorificados durante a eternidade”. Todavia, como destaca o Dr. Alderi Matos, a maior parte dos artigos poderia ser aceita por qualquer evangélico, reformado ou não. Os elementos específicos do calvinismo, tais como a soberania de Deus, a eleição divina e a perseverança dos santos, não são enfatizados.<sup>5</sup>

O Dr. Kalley partiu definitivamente para a Escócia no dia 10 de junho de 1876, vindo a falecer em Edimburgo em 17 de janeiro de 1888. Dona Sarah faleceu em 1907, também em Edimburgo, havendo o *Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos* assistido o funeral e tomado parte na cerimônia fúnebre. Ela faleceu aos 82 anos de idade, deixando-nos uma herança inigualável no campo da hínódia evangélica brasileira.

## **OS KALLEYS E OS BATISTAS BRASILEIROS**

Para a obra batista brasileira, o trabalho do casal Kalley foi de gran-

de significado. Os Kalleys abriram importantes caminhos, deixando um legado de preciosas conquistas das quais os batistas desfrutaram. Em 5 de agosto de 1882, numa carta para Junta de Missões Estrangeiras dos Batistas do Sul (EUA), o pioneiro batista *William Buck Bagby* (1855-1939) escreve de Campinas (SP):

(...) Preguei ultimamente em vários lugares ao redor de Santa Bárbara para os brasileiros e portugueses (destes, há muitos aqui chegados há pouco) (...) Eles sempre parecem surpresos e alegres com o fato de ouvirem os cultos em sua própria língua, acostumados que estão a ouvir só o latim nas suas reuniões religiosas do romanismo. Geralmente tentam cantar conosco. Neste particular, temos que ser gratos agora ao venerável Dr. Kalley, o qual, anos atrás, pregou neste país e organizou uma igreja independente no Rio.<sup>6</sup>

Dona Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1909-1983), em seu livro sobre os *Salmos e Hinos*, lembra que este hinário, organizado pelo casal Kalley, foi a primeira coletânea de hinos evangélicos em português organizada no Brasil e que foi usado também pelos batistas, até que tivessem o seu próprio hinário, o *Cantor Cristão*, o qual foi substancialmente alimentado pelo conteúdo de *Salmos e Hinos*.<sup>7</sup> A historiadora batista Betty Antunes de Oliveira destaca que o primeiro pastor batista brasileiro, *Antonio Teixeira de Albuquerque* (1840-1887), dois dias antes de falecer, o que ocorreu aos 9 de abril de 1887, em Alagoas, pediu que fosse

cantado o hino “Eis-nos, ó Pastor Divino”, traduzido para o português por Dona Sarah Kalley. Esse hino foi publicado na terceira edição de *Salmos e Hinos* em 1868, e *Zachary C. Taylor* (1851-1919) o transcreveu no jornal “Echo da Verdade”, em maio de 1887.<sup>8</sup> Henriqueta Fernandes Braga conclui: “Como o Rev. Teixeira de Albuquerque faleceu em 1887, torna-se evidente o uso de *Salmos e Hinos* nas igrejas batistas da época, pois a primeira edição do *Cantor Cristão* – folheto com dezesseis hinos – só foi publicada em 1891, quatro anos após sua morte”.<sup>9</sup>

Outro exemplo da influência dos Kalleys deu-se com a vinda para o Brasil do missionário *Salomão Luiz Ginsburg* (1867-1927), que resultou de um apelo que proveio da Senhora Sarah Kalley. Judeu polonês e filho de um rabino, convertido a Cristo, Ginsburg viria a se tornar um dos mais incansáveis pioneiros batistas no Brasil.<sup>10</sup> Veja como o próprio Ginsburg, que estava no Reino Unido, descreve este processo:

“O Dr. Guinness chamou-me ao seu escritório e me disse que uma senhora recentemente vinda do Brasil, onde ela e seu marido, agora enfermo, gastaram muitos anos, estava ansiosa por mandar um missionário para aquele país, sob as seguintes condições: ela pagaria a passagem, as despesas de instalação e cem libras esterlinas; o candidato ao campo assumiria o compromisso de aprender a língua e trabalhar um ano às suas próprias custas, como missionário independente. O Dr. Guinness pensou que eu seria o homem para

esse empreendimento. Pedi-lhe, então, tempo para pensar e orar a esse respeito. A proposta me interessou.

(...) No dia seguinte, dei a decisão ao Dr. Guinness. Aceitei a proposta. Ainda que eu não a conhecesse, soube depois que a senhora em questão era a Sra. Kalley, esposa do fundador da Missão Congregacional no Brasil. Fui convidado a passar uma semana com ela em sua residência, em Edimburgo, onde supus que seria devidamente inspecionado e precisaria dar uma satisfação. Mas não demorou que fosse avisado da minha partida para o Brasil (...) <sup>11</sup>

Para uma biografia completa de Robert Kalley, recomendo o livro *Uma Jornada no Império*, de William B. Forsyth, recém-lançado em português pela Editora Fiel.<sup>12</sup>

<sup>1</sup> CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 83, a quem o autor deste artigo deve os *elementos básicos* de comparação entre esses dois personagens históricos.

<sup>2</sup> MATOS, Alderi de Souza. Robert Reid Kalley: pioneiro do protestantismo missionário na Europa e nas Américas”. *Fides Reformata*, São Paulo, v. VIII, n. 1, 2003, p. 9-28.

<sup>3</sup> GINSBURG, Salomão. *Um judeu errante no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970, p. 46. Obra escrita em inglês em 1921 e traduzida para o portu-

guês em 1931 por Manoel Avelino de Souza. Título original: *A wandering jew in Brazil: an autobiography of Solomon L. Ginsburg*. Nashville: Sunday School Board, Southern Baptist Convention, 1922.

<sup>4</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Aste, 1995, p. 176-177.

<sup>5</sup> MATOS, *op. cit.*, p. 27.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005, p. 508-509.

<sup>7</sup> BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. *Salmos e hinos: sua origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1983, p. 19-20.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 290.

<sup>9</sup> BRAGA, *op. cit.*, nota 5, p. 19.

<sup>10</sup> Trabalhando inicialmente com os congregacionais, Ginsburg se converteu, mais tarde, de que a forma bíblica do batismo era a *imersão*. Foi batizado pelo missionário Zachary Taylor em novembro de 1891 e logo depois consagrado ao ministério pastoral batista.

<sup>11</sup> GINSBURG, *op. cit.*, p. 40-32.

<sup>12</sup> FORSYTH, William B. *Uma jornada no império*. São Paulo: Editora Fiel, 2006, 256 p. O título original em inglês é *The wolf from Scotland: the story of Robert Reid Kalley - pioneer missionary* (O lobo da Escócia: a história de Robert Reid Kalley – missionário pioneiro).

# APRECIANDO O CARÁTER DO PURITANISMO

*Mark Johnston*

Examinando grande parte dos livros e afirmações a respeito dos puritanos — até pelos evangélicos — percebemos que seus autores tendem a ser criticados pela imprensa. De fato, o título “puritano” foi criado originalmente como um pejorativo, e muitos ainda o vêem assim em nossos dias. Em um sentido, não é difícil identificar erros, falhas e incoerências naqueles que levavam este nome, nos séculos XVI e XVII, bem como naqueles que são os descendentes espirituais deles. No entanto, focalizar-se nisso equivaleria a ignorar as realizações incríveis destes homens em muitos aspectos da vida.

J. I. Packer entendeu o significado e a relevância dos puritanos, ao compará-los com as sequóias do Norte da Califórnia:

“Assim como as sequóias são atraentes aos olhos, porque sobrepõem o topo das outras árvores, assim também a santidade e a firmeza dos grandes puritanos resplandecem como um

farol, sobrepunhando a estatura da maioria dos crentes, em muitas épocas e, especialmente, nesta época de coletivismo urbano angustiante, quando os crentes do Ocidente sentem-se e, às vezes, assemelham-se a formigas em um formigueiro e marionetes em atividade... Nesta situação, o ensino e o exemplo dos puritanos têm muito a dizer-nos”.

Isso nos deixa admirados. Qual era, então, o caráter do puritanismo, que lhe deu tão amplo alcance e importância duradoura? Podemos selecionar cinco das principais características dignas de consideração:

## **1. A OPINIÃO DELES A RESPEITO DE DEUS**

Tudo em que os puritanos criam originava-se de sua opinião a respeito de Deus. (Isso também a verdade no que concerne aos seus precursores na Reforma, tanto na Europa

como na Inglaterra.) Isto é ilustrado pelo fato de que o primeiro apelido depreciativo vinculado a esses homens foi “os precisos” ou “os precisonistas”. Quando um nobre perguntou a Richard Rogers (um ministro em Wetherfield, Essex) o que o tornava tão preciso, ele respondeu: “Senhor, eu sirvo a um Deus preciso”.

Veja o que está errado em muitas igrejas hoje: os crentes aceitam um ponto de vista sobre Deus que tem sido distorcido em nome do cristianismo popular. Nos anos 1950, J. B. Phillips expressou isso em um livrete intitulado *Your God is Too Small* (Seu Deus é Pequeno Demais). A restauração de saúde e vigor às igrejas está vinculada à necessidade de resgatar uma opinião elevada a respeito de Deus.

## 2. A ESTIMA DAS ESCRITURAS

Essa consideração das Escrituras é expressa com concisão na Pergunta 2, do Breve Catecismo de Westminster: Que norma Deus nos tem dado a respeito de como podemos glorificá-Lo e desfrutar dEle? Resposta: a Palavra de Deus, contida nas Escrituras do Antigo e Novo testamento, é uma norma verdadeira para nos guiar em como podemos glorificá-Lo e desfrutar dEle.

Ao fazer esta afirmação e colocá-la em seu catecismo, estes homens estavam apenas reiterando o princípio *Sola Scriptura*, que estava no âmago da Reforma Protestante, e protegendo a essência tanto do evangelho como da igreja. O problema de nossos dias não é somente que as Escrituras são rivalizadas com mui-

tas outras formas de revelação, mas também que, muito freqüentemente, elas estão subordinadas à razão. Se o espírito do não-conformismo tem de sobreviver, ele não deve prostrar-se nem à nova revelação, nem à erudição, mas somente à Palavra de Deus.

## 3. O ENTENDIMENTO DA SALVAÇÃO

É comum na teologia contemporânea — pelo menos na teologia popular — imaginar a salvação como “o ponto de conversão”. Mas isso significa perder de vista os horizontes mais amplos da salvação. Thomas Manton nos dá um vislumbre do entendimento bem estruturado da doutrina da salvação, um entendimento que era característico de seus colegas puritanos e moldava a opinião deles sobre o evangelho:

“O resumo do evangelho é isto: todos aqueles que, por meio de arrependimento e fé, abandonarem a carne, o mundo e o diabo, entregando-se ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como seu Criador, Redentor e Santificador, encontrarão a Deus como o Pai que os recebe como filhos reconciliados, que perdoa os seus pecados, por amor a Jesus, e lhes dá graça, por meio de seu Espírito. E, se perseverarem neste caminho, Ele os glorificará no final e lhes outorgará a felicidade eterna”.

Este entendimento amplo da salvação explica o uso que os puritanos faziam do termo “regeneração” e sua riquíssima compreensão do evange-

lismo. Também explica a disparidade entre as expectativas referentes à conversão em nossos dias e a maneira como elas se cumprem, uma disparidade que resulta de nosso entendimento restrito da salvação.

#### 4. A APRECIÇÃO DA IGREJA

Se existe um elemento que pode ser identificado como o principal catalizador para o surgimento dos puritanos, esse elemento era a preocupação deles com a reforma da igreja. Eles tinham um conceito elevado da igreja. Isto começou a se tornar evidente no criticismo deles em relação aos decretos religiosos de Elizabeth. Muitos dos puritanos jovens eram graduados de Cambridge e entraram no ministério da Igreja Anglicana a fim de pressionar por uma reforma permanente que afetaria cada igreja local. O individualismo pós-iluminista que se tornou a característica peculiar da igreja do século XXI nos roubou este conceito dos puritanos, os quais viam a igreja como o corpo glorioso e a noiva radiante de Cristo — a doutrina da igreja é a *Cinderela* da teologia.

#### 5. A PREOCUPAÇÃO PELO MUNDO COMO UM TODO

O quinto distintivo digno de ser ressaltado a respeito dos puritanos é o ponto de vista deles sobre a vida e a comunidade como uma unidade integrada. Os puritanos criam que Deus havia sancionado a vida solidária na sociedade. Isso se refletiu nos ousados (mas imperfeitos) esforços deles na esfera política, alcançando

seu zênite na Revolução Gloriosa e no estabelecimento do Commonwealth. Embora os puritanos diferissem quanto à natureza do relacionamento entre a Igreja e o Estado, eles sustentavam a convicção de que a igreja tinha um papel, dado por Deus, em referência à vida da comunidade como um todo, um papel que ia além da necessidade de evangelismo.

A reação contra as aberrações do que se tornou conhecido como o Evangelho Social, na primeira metade do século XX, levou, em muitos casos, à negligência de uma responsabilidade social mais ampla, em muitas igrejas não-conformistas. Contudo, parte significativa da herança puritana ainda se mantém preocupada em que a verdade de Deus seja aplicada aos interesses políticos e sociais, capacitando os crentes a agirem como sal e luz em um mundo de trevas e deterioração.

O problema de grande parte do ressurgimento do interesse pelos puritanos, ressurgimento esse que varreu a Inglaterra na metade do século passado, é que ele aceitou apenas a soteriologia puritano-reformada — uma soteriologia que não assimila a grandeza e a integridade do ponto de vista de nossos antepassados espirituais, que consideram o mundo como parte da vida. (Admiravelmente, isto se contrasta com o ressurgimento correspondente que aconteceu nas igrejas dos Estados Unidos.) Se tem de haver um futuro para o não-conformismo, na misericórdia de Deus, precisamos apreciar novamente o caráter deste movimento, desde os seus primeiros dias.

# A VERDADEIRA IGREJA

J. C. Ryle

Desejo que você pertença à verdadeira igreja, fora da qual não existe salvação. Não estou perguntando: “Aonde você vai aos domingos?” Simplesmente quero saber: “Você pertence à verdadeira igreja?”

Onde se encontra esta igreja? Quais suas características? Que marcas podem identificá-la? Talvez você faça estas perguntas. Preste atenção, lhe apresentarei algumas respostas.

1. A verdadeira igreja é *constituída de todos os crentes no Senhor Jesus*. É formada por todos os eleitos — homens e mulheres convertidos, verdadeiros cristãos. Em todo aquele que é capaz de reconhecer a eleição de Deus, o Pai, a aspersão do sangue de Deus, o Filho e a obra santificadora de Deus, o Espírito Santo — neste podemos ver um membro da verdadeira igreja de Cristo.

2. A verdadeira igreja *possui membros que manifestam as mes-*

*mas características*. Todos foram nascidos de novo por intermédio do Espírito Santo; possuem “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor, Jesus Cristo”, bem como santidade em sua vida e conversa. Todos odeiam o pecado e amam a Cristo. (Adoram-No de maneiras e formas diferentes: alguns utilizam orações escritas, outros, as suas próprias palavras; alguns adoraram ajoelhados, outros, em pé; mas todos adoram com todo o seu coração.) São guiados pelo Espírito Santo, edificam sua vida espiritual sobre o mesmo fundamento e aprendem sua religião de um único Livro — a Bíblia. Todos centralizam-se na mesma pessoa — Jesus Cristo; podem agora cantar unânimes, com inteireza de coração: “Aleluia!”, e responder a uma voz: “Amém, Amém”.

3. É uma igreja *que não depende de qualquer ministro do evangelho*, ainda que ela valoriza muito

aqueles que o pregam a seus membros. A vida espiritual deles não está atrelada à sua membresia na igreja local, ou ao seu batismo, ou à sua participação na Ceia do Senhor, embora valorizem grandemente estas coisas, quando elas são realizadas.

A verdadeira igreja possui apenas um Cabeça, Pastor e Bispo — Jesus Cristo. Somente Ele, por intermédio de seu Espírito, recebe os membros desta igreja, embora os ministros do evangelho mostrem-lhes a porta. Enquanto Ele não abrir a porta, nenhum homem poderá fazê-lo — nem bispos, nem presbíteros, nem concílios ou sínodos.

Quando o homem se arrepende e crê no evangelho, neste momento ele se torna membro desta igreja. Assim como o ladrão arrependido, o homem que se arrepende e crê talvez não tenha ocasião para ser batizado. Mas ele tem algo que é superior a qualquer batismo: o batismo do Espírito. Talvez ele não possa receber o pão e o vinho na Ceia do Senhor, mas se alimenta do corpo e do sangue de Cristo por meio da fé que a cada dia ele manifesta; e nenhum pastor ou sacerdote é capaz de impedi-lo. Homens consagrados ao ministério podem excomungá-lo e privá-lo da participação nas ordenanças exteriores da igreja professa; no entanto, todos os homens do mundo não são capazes de expulsá-lo da verdadeira igreja.

A existência da verdadeira igreja não depende de formas, cerimônias, grandes edifícios, púlpitos, vestes, instrumentos musicais, talentos, dinheiro, reis, governos, magistrados ou qualquer atos de favor da parte

dos homens. Ela tem sobrevivido e permanecido mesmo quando todas essas coisas lhe foram retiradas. A verdadeira igreja tem sido expulsa para os desertos ou para as cavernas e antros da terra, por aqueles que deveriam ter sido seus amigos. Sua existência não depende de nada, exceto da presença de Cristo e do Espírito Santo. E, se Eles estão sempre ao lado da igreja, esta não poderá desaparecer.

4. A verdadeira igreja *tem o direito bíblico de honra e privilégios no presente e as promessas da glória eterna, no futuro*. Ela é o corpo e o rebanho de Cristo, a família e a casa de Deus; é o edifício construído por Deus e o templo do Espírito Santo. Ela é a igreja dos primogênitos, cujos nomes estão arrolados nos céus. A verdadeira igreja é o sacerdócio real, a nação eleita, o povo que pertence exclusivamente a Deus, a herança adquirida, a habitação de Deus, a luz do mundo, o sal e o trigo da terra. É a “santa igreja católica”, do credo apostólico, a “igreja católica e apostólica”, do credo niceno. A verdadeira igreja é aquela para a qual o Senhor Jesus prometeu: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela”; e: “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 16.18; 28.20).

5. É a única que *possui verdadeira unidade*. Seus membros concordam unanimemente em todas as grandes verdades do cristianismo, pois o Espírito Santo os instrui. No que diz respeito à pessoa de Deus, de Cristo e do Espírito Santo e no

que se refere ao pecado, a seus próprios corações, à fé, ao arrependimento, à necessidade de santidade, ao valor da Bíblia, à importância da oração, à ressurreição e ao julgamento vindouro — em todos estes assuntos, eles possuem o mesmo pensamento. Converse com três ou quatro dentre eles, que não conhecem um ao outro, dos mais remotos lugares da terra; verifique separadamente suas opiniões sobre estes assuntos: descobrirá que todos demonstram o mesmo entendimento.

6. É a única igreja que *possui a verdadeira santificação*. Seus membros são santos, não apenas porque professam e têm esse nome ou porque, devido à sua caridade, os outros o reputam como santos. Eles realmente são santos em atitudes, vida e verdade. Todos eles se conformam à imagem de Jesus Cristo. Nenhum homem ímpio pertence a esta igreja.

7. É a única igreja *verdadeiramente católica*. Não pertence a um povo ou a uma nação. Seus membros se encontram em todas as partes do mundo, onde quer que o evangelho seja recebido pelas pessoas e estas creiam nele. Não está confinada às fronteiras de qualquer país ou enclausurada no âmbito de quaisquer formas de governo. Nesta igreja, não existe qualquer diferença entre judeus e gentios, pretos e brancos, episcopais e presbiterianos — a fé em Cristo é tudo que importa. O membros da verdadeira igreja serão reunidos do norte, do sul, do leste e do oeste; procederão de todas as línguas e nações — Em Cristo, eles serão um.

8. É a única igreja *verdadeiramente apostólica*. Está edificada sobre os fundamentos dos apóstolos e mantém as doutrinas que eles pregaram. Os dois grandes alvos de seus membros são a fé e a prática dos apóstolos. E seus membros consideram como “bronze que soa” e “címalo que retine” a pessoa que professa seguir os ensinamentos dos apóstolos e não possui esses dois grandes alvos.

9. É a única igreja que *com certeza permanecerá até ao fim*. Nada pode destruí-la ou vencê-la. Seus membros são perseguidos, aprisionados, oprimidos, decapitados, afligidos e lançados ao fogo; mas a verdadeira igreja jamais foi extinta. Ela sempre ressurgiu de suas tribulações; sobreviveu ao fogo e à água. Quando desarraigada de um país, ela brotou em outro. Os faraós, Herodes, Neros e as Marias Sanguinárias têm se esforçado em vão para destruir essa igreja. Assassina os seus milhares de membros e, em seguida, morrem, indo para seu próprio lugar. A verdadeira igreja sobrevive a todos eles e os vê perecer, cada um a seu tempo. Ela é uma bigorna que já quebrou e ainda destruirá muitos martelos neste mundo; é uma sarça que está sempre ardendo em fogo, mas não se consome.

10. É a única igreja *cujos membros jamais perecerão*. Uma vez que se tornem parte dessa igreja, os pecadores estão salvos por toda a eternidade; jamais serão lançados fora. A eleição da parte do Pai, a contínua

intercessão do Filho e o poder santificador do Espírito Santo os cerca e protege tal como um jardim fechado. Nenhum dos ossos do corpo místico de Cristo jamais será quebrado; nenhuma ovelha do rebanho de Cristo jamais será arrebatada de suas mãos.

11. A verdadeira igreja *realiza a obra de Cristo na terra*. Seus membros constituem um pequeno rebanho; comparados aos filhos do mundo, seus membros são poucos em número. Um ou dois aqui, dois ou três ali; um pequeno grupo aqui, outro ali. Mas estes membros são aqueles que transtornam o mundo. Eles, por meio de suas orações, mudam o destino dos povos; são trabalhadores enérgicos na obra de propagar o conhecimento da verdadeira e pura religião; são o escudo, a defesa, a coluna e o suporte de qualquer país ao qual pertencem.

12. É a igreja *que será realmente gloriosa no final de todas as coisas*. Quando toda a glória terrena houver desaparecido, a igreja será apresentada sem mácula diante do trono de Deus. As potestades, os principados e poderes deste mundo se tornarão em nada. As dignidades, as posições elevadas e a sabedoria humana — todas passarão; mas, no final, a igreja dos primogênitos resplandecerá como as estrelas do firmamento e será apresentada com júbilo diante do trono do Pai, no dia da manifestação visível de Cristo. Quan-

do as jóias do Senhor Jesus estiverem completas e os filhos de Deus se tornarem manifestos, episcopais, presbiterianos e congregacionais não serão mencionados; somente uma igreja será conhecida naquele dia, a igreja dos eleitos.

Leitor, *esta é a verdadeira igreja à qual o homem tem de pertencer, se deseja ser salvo*. Enquanto você não pertencer a esta igreja, sua alma estará perdida. Talvez você tenha a forma, a casca e a aparência da religião, mas não possui a essência e a vida. Sim, é provável que você desfrute de muitos privilégios visíveis, de bastante luz e de conhecimento — mas, se não pertence ao corpo de Cristo, sua luz, privilégios e conhecimento não lhe salvarão a alma.

Infelizmente, hoje prevalece muita ignorância sobre este assunto. Os homens imaginam que, se fazem parte desta ou daquela igreja, ou recebem a comunhão, ou passam por esta ou aquela cerimônia, tudo está bem com sua alma. Isto é iludir-se completamente e cometer um terrível engano. Nem todas as pessoas da nação de Israel eram, de fato, israelitas; nem todos os que professam ser membros do corpo de Cristo são verdadeiramente crentes. **Preste atenção:** você pode ser um convicto anglicano, batista, metodista, presbiteriano, etc., e, apesar disso, não pertencer à verdadeira igreja. E, se não pertence, seria melhor não haver nascido.

# SEPARAI-VOS

## 2 Coríntios 6.17

O crente, embora esteja *no* mundo, não é *do* mundo. Ele deveria ser distinguido do mundo nos grandes objetivos de sua vida. Para o crente, o viver tem de ser Cristo (ver Filipenses 1.21). Quer beba, quer coma, quer faça alguma outra coisa, o crente deve fazer tudo para a glória de Deus (ver 1 Coríntios 10.31). Você pode acumular tesouros, mas, no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corrói, e onde ladrões não podem escavar, nem roubar (ver Mateus 6.20). Talvez você queira se esforçar para ser rico, mas a sua ambição deve ser tornar-se rico na fé (ver Tiago 2.5) e nas boas obras (ver 1 Timóteo 6.18). Você pode desfrutar de prazeres; quando, porém, você se alegrar, cante salmos (ver Tiago 5.13) e, em seu coração, faça melodias ao Senhor (ver Efésios 5.19).

Em seu espírito, bem como em seus propósitos, você deve ser diferente do mundo, esperando humildemente em seu Deus, sempre consciente de sua presença, deleitando-se na comunhão com Ele. Procurando conhecer a vontade dEle, você comprovará que é membro da raça celestial. Também deve ser separado do mundo em seus atos. Se algo é certo, você tem de fazê-lo, embora venha a sofrer perdas. Se algo é errado, ainda que resulte em ganhos, você tem de rejeitar o pecado por amor ao seu Senhor. Você não deve ter comunhão com as obras infrutíferas das trevas, e sim reprová-las.

Ande de modo digno da sua chamada e posição (ver Efésios 4.1). Lembre-se, crente, você é um filho do Rei dos reis. Portanto, mantenha-se limpo do mundo. Não manche os dedos que logo tocarão cordas celestiais. Não permita que os seus olhos, os quais em breve contemplarão o Rei em sua glória, tornem-se janelas de concupiscência. Não permita que seus pés, que logo caminharão nas ruas de ouro, sejam maculados em lugares lamacentos. Não permita que seu coração, o qual em breve será enchido pelas coisas celestiais e transbordará de regozijo, encha-se de orgulho e infelicidade.

(Extraído de *Leituras Diárias*, volume 2, C.H.Spurgeon, Editora Fiel, São José dos Campos, SP.)

# A INCAPACIDADE DE VIR A CRISTO

*Robert Murray M'Cheyne*

*Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.*

João 6.44

***Quão surpreendente é a depravação do homem natural!*** As Escrituras nos ensinam isso abundantemente. Todo pastor fiel levanta a sua voz como uma trombeta, para mostrar isto às pessoas. E a primeira obra do Espírito Santo, no coração, é convencer do pecado. Na Palavra de Deus, não existe uma descoberta mais terrível sobre a depravação do homem natural do que estas palavras do evangelho de João. Davi afirmou: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5). Deus falou por meio do profeta Isaías (48.8): “Eu sabia que procederias mui perfidamente e eras chamado de transgressor desde o ventre materno”. E Paulo disse: “Éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Ef 2.3). Mas nesta passagem de João somos informados de que a incapacidade do

homem natural e sua aversão por Cristo são tão grandes, que não podem ser vencidas por qualquer outro poder, exceto o poder de Deus. “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.44). Nunca houve um mestre como Cristo. “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7.46). Ele falava com muita autoridade, não como os escribas, mas com dignidade e poder celestial. Ele falava com grande sabedoria. Falava a verdade sem qualquer imperfeição. Seus ensinamentos eram a própria luz proveniente da Fonte de Luz. Ele falava com bastante amor, com o amor dAquele que estava prestes a dar a sua vida em favor de seus seguidores. Falava com mansidão, suportando a ofensa contra Ele mesmo vinda dos pecadores, não ultrajando quando era ultrajado. Jesus fa-

lava com santidade, porque era Deus “manifestado na carne”. Mas tudo isso não atraía os seus ouvintes. Nunca houve um dom mais precioso oferecido aos homens. “O verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá... Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.32, 35). O Salvador de que as pessoas condenadas necessitavam estava diante delas. Sua mão lhes foi estendida. Ele estava ao alcance delas. O Salvador ofereceu-lhes a Si mesmo. Oh! que cegueira, dureza de coração, morte espiritual e impiedade desesperadora existem na pessoa não-convertida! Nada pode mudá-la, exceto a graça do Todo-Poderoso. Oh! homem destituído da graça de Deus, seus amigos o advertem, os pastores clamam em voz alta, a Bíblia toda o exorta. Cristo, com todos os seus benefícios, é colocado diante de você. Todavia, a menos que o Espírito Santo seja derramado em seu coração, você permanecerá um inimigo da cruz de Cristo e destruidor de sua própria alma. “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer.”

***Quão invencível é a graça de Jeová!*** Nenhuma criatura tem o poder de atrair o homem a Cristo. Exibições, evidências miraculosas, ameaças, inovações são usadas em vão.

— ■ —  
*A simples exposição  
 de Cristo aplicada  
 ao coração pelo  
 Espírito Santo  
 vivifica, ilumina  
 e salva.*  
 — ■ —

Somente Jeová pode trazer a alma a Cristo. Ele derrama seu Espírito com a Palavra, e a alma sente-se alegre e poderosamente inclinada a vir a Jesus. “Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo, no dia do teu poder” (Sl 110.3). “Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil?” (Gn 18.14.) “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1). Considere um exemplo: um judeu estava assentado na coletoria, próxima à porta de Cafarnaum. Sua testa estava enrugada

com as marcas da cobiça, e seus olhos invejosos exibiam a astúcia de um publicano. Provavelmente, ele ouvira falar de Jesus; talvez O ouvira pregando nas praias do mar da Galiléia. Mas seu coração mundano ainda permanecia inalterado, visto que ele continuava em seu negócio ímpio, assentado na coletoria. O Salvador passou por ali e, quando olhou para o atarefado Levi, disse-lhe: “Segue-me!” Jesus não disse mais nada. Não usou qualquer argumento, nenhuma ameaça, nenhuma promessa. Mas o Deus de toda graça soprou no coração do publicano, e este se tornou disposto. “Ele se levantou e o seguiu” (Mt 9.9). Agradou a Deus, que opera todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade, dar a Mateus um vislumbre salvador da excelência de Jesus; a graça caiu do

céu no coração de Mateus e o transformou. Ele sentiu o aroma da Rosa de Sarom. O que significava o mundo agora para ele? Mateus não se importava mais com os lucros, os prazeres e os louvores do mundo. Em Cristo, ele viu aquilo que é mais agradável e melhor do que todas essas coisas do mundo. Mateus se levantou e seguiu a Jesus.

Aprendamos que uma simples palavra pode ser abençoadora à salvação de almas preciosas. Frequentemente, somos tentados a pensar que tem de haver algum argumento profundo e lógico, para trazer as pessoas a Cristo. Na maioria das vezes, colocamos nossa confiança em palavras altissonantes. No entanto, a simples exposição de Cristo aplicada ao coração pelo Espírito Santo vivifica, ilumina e salva. “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR DOS EXÉRCITOS” (Zc 4.6). Se o Espírito age nas pessoas, estas simples palavras: “Segue a Jesus”, faladas em amor, podem ser abençoadas e salvar todos os ouvintes.

Aprendamos a tributar todo o louvor e glória de nossa salvação à graça soberana, eficaz e gratuita de Jeová. Um falecido teólogo disse: “Deus ficou tão irado por Herodes não lhe haver dado glória, que o anjo do Senhor feriu imediatamente a He-

rodes, que teve uma morte horrível. Ele foi comido por vermes e expirou. Ora, se é pecaminoso um homem tomar para si mesmo a glória de uma graça tal como a eloquência, quão mais pecaminoso é um homem tomar para si a glória da graça divina, a própria imagem de Deus, que é o dom mais glorioso, excelente e precioso de Deus?” Quantas vezes o apóstolo Paulo insiste, em Efésios 1, que somos salvos pela graça imerecida e gratuita? E como João atribui toda a glória da salvação à graça gratuita do Senhor Jesus — “Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados... a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 1.5, 6). Quão solenes foram as palavras de Jonathan Edwards, em sua obra *Personal Narrative* (Narrativa Pessoal)! “A absoluta soberania e graça gratuita de Deus, em demonstrar misericórdia àquele para quem Ele quer expressar misericórdia, e a absoluta dependência do homem quanto às operações do Espírito Santo têm sido para mim, frequentemente, doutrinas gloriosas e agradáveis. Estas doutrinas têm sido o meu grande deleite. A soberania de Deus parece-me uma enorme parte de sua glória. Tenho sentido deleite constante em aproximar-me de Deus e adorá-Lo como um Deus soberano, rogando-Lhe misericórdia soberana.”

*A sentir-me à graça um grande devedor  
Sou constrangido sempre, a todo instante!  
Que esta graça, com algemas, meu Senhor,  
Prenda somente a Ti meu coração hesitante.*

# NÃO JULGUEIS

*Edward Donnelly*

Há alguma parte das Escrituras tão popular e tão erroneamente citada como as palavras de Mateus 7.1 (“Não julgueis, para que não sejais julgados.”)? Estas palavras têm sido adotadas como um fundamento para uma abordagem permissiva e sem criticismo da vida, de uma mentalidade “tudo é aceitável”, que nunca forma, e muito menos expressa, uma opinião desfavorável das coisas ou das pessoas.

Pessoas que nunca têm tempo para Jesus estão prontas a citar estas palavras — a fim de silenciar aqueles que são antiquados demais por usar termos como “pecado” e “erro”. “Não julgueis” é o porrete que ataca os padrões éticos e os transforma em confusão improdutiva.

Até os crentes sentem-se frequentemente intimidados, ao pensar que o Senhor nos está proibindo, com estas palavras, de formular veredictos morais. Durante casos de dis-

ciplina na igreja local, há poucas ocasiões em que este versículo não é mencionado, como forma de protesto da parte de uma das ovelhas.

## **JULGAMENTO — BOM OU MAU**

Um momento de reflexão deve nos mostrar que tal interpretação é absurda. Nesta passagem, o próprio Cristo exige que façamos julgamentos. “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas... Acautelai-vos dos falsos profetas... Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.6, 15, 16).

Ele nos ordena que julguemos “pela reta justiça” (Jo 7.24). E Paulo esperava que os membros da igreja julgassem “os de dentro” (1 Co 5.12). As pessoas hoje estão à deriva, sem bússola, nos mares do “não fazer julgamentos”.

Precisamos mais do verdadeiro julgamento nos tribunais, mais de fi-

bra moral nos governos e, acima de tudo, mais discernimento crítico entre o povo de Deus. Nosso Senhor certamente não estava nos exortando à ingenuidade.

O que Ele queria dizer? Estava nos advertindo a respeito do julgamento errado — um espírito insensível e condenador que incorre na ira de Deus. É uma tentação particular para aqueles que realmente se preocupam com o certo e o errado, que têm padrões éticos elevados e aceitam com seriedade a chamada à santidade.

Ao nosso redor, existem muitas coisas dignas de condenação. Algumas coisas *devem* ser condenadas, por amor ao nosso próximo e por causa da glória de Deus. Mas temos de acautelar-nos de julgar da maneira que Cristo proíbe.

### SINAIS DE ADVERTÊNCIA

Podemos identificar o julgamento pelas seguintes características. Devemos concluir se esta advertência de Cristo se aplica ao nosso julgar:

***Quando é habitual.*** O Senhor estava falando a respeito de uma atividade contínua. “Não continueis. Não criéis o hábito de julgar.” Frequentemente, você mais critica do que elogia? As pessoas esperam que você sempre diga algo negativo? Você tem medo de usar sua língua? Você é um inveterado descobridor de erros?

***Quando é desnecessário.*** Com que frequência nos pronunciamos a respeito de assuntos que não nos

competem! Se não lhe pediram, por que ofereceu uma opinião desfavorável? Sede diligentes “por viver tranquilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos” (1 Ts 4.11).

***Quando está alicerçado em informações incompletas.*** Em geral, os nossos julgamentos são assim. Apresso-me em proferir uma crítica? Conheço todos os fatos? “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (Pv 18.13).

***Quando está cheio de presunção.*** Podemos ver o que as pessoas fazem, mas temos pouca ou nenhuma idéia quanto ao motivo por que o fazem. Portanto, não ousemos imputar motivos, embora o façamos com regularidade. “Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração” (Jr 17.10).

***Quando não há misericórdia.*** Somos tolerantes? Demonstramos o benefício de duvidar das informações recebidas? Tentamos dar a melhor interpretação às informações? Cremos na máxima de que “todos são inocentes, até que se prove o contrário”?

***Quando traz satisfação.*** O amor “não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade” (1 Co 13.6). Aqueles espasmos íntimos de satisfação que sentimos, quando recontamos, com piedosas expressões de pesar, a queda de alguém no pecado, vêm diretamente do inferno.

***Quando é trivial.*** “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comi-

da e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados” (Cl 2.16). Quantos conflitos existem, nas igrejas, a respeito de assuntos insignificantes e duvidosos.

**Quando é incoerente.** “Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas... porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas” (Rm 2.1).

**Quando é destrutivo.** Ataca as pessoas (“E quem lhe chamar: Tolo” — Mt 5.22); destrói a auto-estima; ousa pronunciar um veredito final sobre o ser humano. “O próprio Deus” é Juiz (Sl 50.6).

## AUTODESTRUTIVO

A tendência de sempre julgar é autodestrutiva. É claro que pode causar danos àqueles contra os quais é dirigido — às vezes, de um modo severo e duradouro. Disfarçado de interesse ou de espiritualidade sincera, este espírito cruel se infiltra como um ácido corrosivo na membresia de muitas igrejas, prejudicando vidas e causando feridas.

E esta tendência prejudica também a pessoa que faz o julgamento. Condenar os outros pode ser uma atividade agradável para os incrédulos, oferecendo o que John Stott chama de “o prazer da justiça própria, sem a dor do arrependimento”. Mas a atitude de julgar nos impede de perceber qualquer necessidade de mudança.

Enquanto pudermos achar um argueiro no olho de nosso irmão, não nos preocuparemos com a trave que está em nosso próprio olho. Por conseguinte, o crítico persistente tem um interesse firme em achar falhas nos outros. Se não tiver um motivo de acusação, procurará outro imediatamente.

E essa estratégia de autoproteção condena sua vítima à miserável prisão dos padrões de comportamento mundanos.

## NEGAR MISERICÓRDIA

Contudo, existe uma implicação ainda mais séria: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também” (Mt 7.1-2).

Você e eu gostaríamos de ser julgados de acordo com nossos próprios padrões? Suportaríamos ouvir nossos juízos serem recompensados e medidos por esses padrões?

Condenar significa negar misericórdia. Aqueles que condenam habitualmente os outros fazem uma declaração terrível a respeito de si mesmos — não sabem o que é misericórdia.

É o fardo da culpa interior que os torna propensos a fazer julgamentos?

*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*

Mateus 5.7